

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS ENTRE JOVENS: O IMPACTO SUBJETIVO DA VIOLÊNCIA DA INDÚSTRIA CULTURAL

Luís Felipe de Alencar Praxedes¹, Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes²

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia, Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. felipe.praxedes@hotmail.com

² Doutorando em Psicologia - UNESP, Mestre em Psicologia – UEM, Docente em Psicologia – PUC. viniciusrromagnolli@gmail.com

RESUMO

O presente projeto de iniciação científica investigou a possível influência da Indústria Cultural no fenômeno de visibilidade crescente dos abusos psicológicos em relacionamentos afetivos entre os jovens, temática pouco abordada nas pesquisas acadêmicas. Para tal, foi realizada revisão bibliográfica da literatura relacionada a adolescência e juventude, a indústria cultural e a subjetividade, a violência e os modelos de relacionamento interpessoal da contemporaneidade. A hipótese é de que os produtos midiáticos da indústria cultural exercem influência na subjetividade de maneira a estabelecer uma relação com relacionamentos abusivos. Através da leitura, verificou-se uma suscetibilidade particular dos adolescentes e jovens às ideologias difundidas pelos produtos de massa, o que acaba por idealizar relações afetivas a partir do viés do amor romântico e por banalizar a violência em ato, ambas consequências podendo produzir relacionamentos abusivos.

Palavras-chave: Adolescência; Violência; Psicanálise; Teoria Crítica.

1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca dos contornos que toma a cultura na contemporaneidade e sua relação com o ser humano obteve várias nuances no decorrer dos anos. Enquanto teóricos da escola de Frankfurt se debruçaram sobre o tema, como Theodor Adorno (1903-1969), que cunhou o termo “Indústria Cultural” para se referir as grandes produções midiáticas com fórmulas repetitivas e o intuito de homogeneizar a produção e o consumo de bens (ADORNO, HORKHEIMER, 1944), o sociólogo da pós-modernidade, Zygmunt Bauman (1925-2017) trouxe à tona uma decadência das vias de sublimação – primeiramente observadas pelo famoso psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) – devido à uma revolução sexual aliada a um hedonismo exagerado (Bauman, 2003). Entre os inúmeros aspectos da vida humana afetados pelas novas relações da humanidade com a cultura, podemos citar as megalomaniacas produções da indústria cultural, os veículos de notícia difundindo estilos de vida consumistas e os relacionamentos afetivos que dessa forma sofrem mudanças visíveis e cruciais em seu âmago, e que serão por sua vez alvo deste estudo.

Os relacionamentos interpessoais que os seres humanos constroem durante sua vida, sejam eles de natureza romântica, de amizade ou familiar, são um objeto artístico e de reflexão tão antigo quanto a própria arte da reflexão – afinal, os grandes mitos gregos como a Odisseia já giravam em torno de relacionamentos (como o herói Ulisses voltando para sua amada Penélope no épico supracitado). Ainda que tais discussões de fato remontem aos primórdios da civilização ocidental moderna, as suas complicações inerentes não se tornaram mais esclarecidas: a própria Psicologia se debruça sobre o tema em suas diferentes abordagens, e para citar algo mais direcionado aos jovens, os famosos (e por vezes polêmicos) *youtubers* também apresentam supostas soluções, situações cômicas entre outros. A *youtuber* brasileira JoutJout em seu canal homônimo, no entanto, procura fazer uma denúncia: em um de seus vídeos mais famosos, a artista expõe o que é e como saber se está em um relacionamento abusivo, permeado de violências dos mais diversos tipos. No vídeo em questão, ela dá ênfase a violência psicológica devido ao seu caráter por vezes implícito e difícil de se identificar.

Relatos que se enquadram nas descrições fornecidas por JoutJout são possíveis de serem observados no dia-a-dia, basta um olhar mais direcionado e dotado de um senso crítico capaz de enxergar violências muitas vezes naturalizadas. Adolescentes e jovens adultos, especialmente, com frequência expõem nas redes sociais abusos psicológicos sofridos, casos de amigos ou familiares e como podem ajudar estes que estão atualmente em um relacionamento abusivo, e até mesmo anseiam ajuda por meio da internet, conforme mostra o artigo “Redes sociais ajudam vítimas de relacionamentos abusivos”. Neste artigo, uma garota de apenas 18 anos, Brenda Rios, contou que teve uma experiência do tipo, em que o parceiro a chantageava emocionalmente e tentava controlá-la a todo momento. Aliados a estes relatos, uma pesquisa de 2012 (FONSECA, RIBEIRO E LEAL, 2012) traz dados significativos de violências sofridas por mulheres em seus relacionamentos: no Brasil, a cada cinco dias que uma mulher falta no trabalho, um foi causado por violência doméstica – isto é, a violência perpetrada no lar, seja ela física, sexual, psicológica, moral ou econômica, de acordo com a Lei nº 11.340; em outro dado da mesma pesquisa, 25% a 50% das mulheres na América Latina são vítimas de violência conjugal (FONSECA, RIBEIRO E LEAL, 2012).

Diante dessas questões, esta pesquisa tem como objetivo aprofundar a discussão acerca dos relacionamentos abusivos e investigar a influência da indústria cultural, bem como sua relação com a psique humana dentro de um viés psicanalítico – considerando este um fenômeno significativo causador de muita angústia, que vem ganhando destaque tanto no meio acadêmico quanto nos meios sociais, para então contribuir para o avanço científico e para uma maior compreensão das várias nuances das relações humanas. Para alcançar estes objetivos, foi realizada uma revisão bibliográfica tratando da influência da indústria cultural na subjetividade e nos processos identificatórios; a violência em uma abordagem psicanalítica; e os modelos de relacionamentos na modernidade.

Para compreender melhor este processo, investigamos a manifestação e constituição da violência na vida psíquica dos sujeitos hoje, a partir de um viés psicanalítico e como uma cultura de negação a violência (MARIN, 2002), bem como de um hedonismo exacerbado podem contribuir para um narcisismo clínico e a agressividade (CANIATO, 2009), da mesma forma que a ocorrência do fenômeno dos relacionamentos abusivos. Por fim, também como os adolescentes e jovens, devido a uma vulnerabilidade às pulsões decorrente dessa fase da vida, se tornam suscetíveis a passagem para a violência em ato e a modelos identificatórios diretamente da indústria cultural (GOMES, 2014), sendo estes o foco deste estudo.

2 DESENVOLVIMENTO

Para elucidar a questão central que orienta este estudo, optamos por dividir este artigo em seções devido a abrangência do tema, começando pela caracterização da adolescência, seguido pela definição de indústria cultural, a percepção acerca da violência em um sentido psicanalítico e os desdobramentos subjetivos do cenário contemporâneo, incluindo o eu debilitado e o que viriam a ser os relacionamentos abusivos, para só então discutir os resultados com relação a hipótese apresentada acima e conectar um tema a outro.

2.1 CARACTERIZANDO A ADOLESCÊNCIA

A idade cronológica da adolescência é alvo de debates, com órgãos de saúde e outras instituições divergindo no início e no fim respectivamente. Para a ONU, dos 15 aos 24; para a OMS, dos 10 aos 19; no Brasil, para o Estatuto da Criança e do Adolescente

inicia dos 12 aos 18, mas para o Ministério da Saúde, dos 10 aos 24 (Eisenstein, 2005). A dificuldade perceptível de se demarcar um fim propriamente dito da adolescência se dá possivelmente devido ao fenômeno que Gurski (2012) descreveu como a juvenilização da cultura: uma tentativa de prolongar as vivências adolescentes resultando em um confinamento em uma fase anterior à vida adulta, motivado por uma propaganda que traz a felicidade e seus símbolos como decorrentes de um consumismo exacerbado, apenas possível com a suposta saúde e vitalidade do corpo jovem. O resultado disso, a aproximação do adulto ao jovem – este que por sua vez precisa se diferenciar do primeiro – coloca em crise a autoridade do adulto na sociedade como um todo, seja na família, na escola e demais espaços. Sem figuras de autoridade ou modelos de identificação, o adolescente se vê desamparado e angustiado, fazendo-o se voltar para representações que possam lhe trazer alguma sensação de identidade e de caminho, oriundas de uma Indústria Cultural que coage ao consumismo (GURSKI, 2012).

Se faz presente também uma ideologia desenvolvimentista que torna a adolescência, a juventude, uma mera fase de transição, cuja única função seria prepara-lo para a vida adulta, cercada por uma aura de autonomia e independência – um ideal individualista inalcançável, que acaba por desconsiderar o jovem enquanto pessoa singular e atribuindo a ele comportamentos padronizados tidos como típicos para uma idade de transição (GOMES, 2014). Em contraponto a este adultomorfismo, a adolescência pode ser encarada como uma fase não apenas de transição para um suposto nível de completude, mas detentora de características e singularidades próprias, ainda que levando em conta as diferenças culturais e individuais. Os autores definem-a como uma etapa da vida na qual busca-se estabelecer a identidade adulta, na qual as primeiras relações objeto-parentais internalizadas servem como parâmetro para a verificação da realidade ofertada pelo meio social, através de elementos biofísicos que se desenvolveram até este ponto e tendem à estabilidade da personalidade genital, possível apenas mediante a experiência do luto pela identidade infantil (ABERASTURY, KNOBEL, 1993).

A adolescência é um período de muita angústia, decorrente do processo do luto pela identidade infantil, pelo corpo infantil perdido e por uma visão perfeita de seus pais. Estes conflitos de dependência infantil levarão o adolescente a manifestações de caráter defensivo, fóbico, contrafóbico, maníaco, psicopático ou esquizoparanóide, no que o autor chamou de “patologia normal da adolescência”: uma exteriorização de seus conflitos a partir de sua estrutura e experiências que por sua vez irão se provar fundamentais na estabilização da personalidade e do amadurecimento, sendo assim uma fase da vida inteiramente marcada pelo conflito. Dentre as manifestações podemos citar uma busca de si mesmo e de uma identidade, uma tendência ao agrupamento, necessidade de intelectualização e fantasia, deslocalização temporal, evolução da sexualidade manifesta, atitude social reivindicatória, contradições constantes em condutas impulsivas e flutuações de humor e estado de ânimo (ABERASTURY, KNOBEL, 1993).

A angústia intensa que esses conflitos trazem anseiam o jovem a estabelecer-se de maneira distinta da infância – no que concerne ao seu corpo, tanto biológico como psíquico e socialmente – buscando formas de simbolização que são para ele uma possibilidade de se inscrever, de deixar sua marca, através de representações que se pretendem singulares no cenário social. As grandes produções da Indústria Cultural fornecem modelos identificatórios que prometem a realização de suas pulsões, tornando-se para os jovens fundamentais para seus próprios processos de individualização, a partir das manifestações conflituosas supracitadas.

2.2 CARACTERIZANDO INDÚSTRIA CULTURAL

Após considerar a particular suscetibilidade no qual o jovem está com relação a Indústria Cultural, passemos por definir esta última. O termo Indústria Cultural, primeiramente cunhado por Adorno, refere-se a um fenômeno que, a partir do século XX passa a ocupar um lugar central de homogeneização das massas que a Igreja possuía até séculos antes, onde foi lentamente deposta pelo sistema capitalista e a ideologia positivista. Contando com uma frenética produção de filmes, músicas, programas de televisão estruturalmente idênticos e previsíveis, sua função é a de padronização do consumo. Financiada e mantida por indústrias paralelas a estas, sua existência depende da submissão às indústrias de petróleo, aço, medicamentos, alimentos, bélica e outras, a padronização e homogeneização existem não como um sintoma surgido do aumento de tecnologia, mas sim como um meio para o objetivo de produção e distribuição em massa dos produtos – em parte selecionados pelas necessidades dos indivíduos, em parte pelas conveniências de produção como custo, mão-de-obra, logística, demanda etc.: as exigências do capitalismo. Dividindo os produtos em categorias, a indústria cultural pretende fazer uma distinção entre os consumidores – que serão influenciados e coagidos a consumir os produtos feitos sob medida para eles de acordo com a categoria na qual foram incluídos. Adorno ainda coloca que uma indústria cultural surge apenas em uma sociedade alienada de si mesma que, alheia a vida humana, anseia pela dominação e utiliza a racionalização técnica e os meios para tal como justificativa, seu monopólio se resumindo entre um setor privilegiado da sociedade que controla o restante (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

O mecanismo ou estratégia adotada para a produção e distribuição em massa, a padronização, advém do controle da consciência individual que, a partir da exposição do indivíduo a uma mídia que o torna passivo, não permitindo o poder de resposta, de mudar o que está sendo recebido ou mesmo tempo para introspecção (como no caso do rádio, forte meio de comunicação na época em que Adorno fez sua reflexão, ou a televisão, alguns anos depois), direcionam as necessidades dos indivíduos aos produtos que estão sendo vendidos pelas indústrias, através de uma propaganda direta ou indireta, e não abordam as necessidades que não podem ser monetizadas, recalcando-as. A criação de ídolos, figuras necessariamente inatingíveis, pensadas e realizadas pelos produtores chefes do setor, servem ao propósito de vender produtos e acessórios partindo do princípio de que há uma carência no indivíduo receptor, uma angústia fundamental que pode ser sanada, de acordo com a propaganda, se se tornar como o ídolo, supostamente um indivíduo completo, consumindo e utilizando tudo que o torna completo (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

Os conteúdos dos filmes, músicas, programas de tv, surgem da consciência dos produtores e repetem ciclos de artistas e produtos invariantes fixos e acabam por serem os mesmos, com uma diferença de um para o outro apenas em seus detalhes, por essência substituíveis e desgastantes. Os clichês calculados são usados para compor o produto de forma previsível, de maneira que a progressão esteja dentro do esperado pelo espectador e produza emoções específicas pré-determinadas pelo produtor. Dentro da arte para as massas, os detalhes intercambiáveis entre as produções, partem da performance e da produção técnica, e se tornam predominantes em detrimento da ideia que originalmente a arte deveria apresentar. Este foco no detalhe, no efeito, torna a obra desprovida de significado, e a produção meticulosa organiza os detalhes em uma fórmula estabelecida previamente que substitui o trabalho do artista, em uma ordem cuja soma total destes detalhes provoca determinadas emoções no espectador (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

Através de uma arte que atrofia a capacidade de reflexão durante sua execução, e exclui qualquer possibilidade de resposta, a consciência é capturada e o mundo passa a ser observado pela lente imposta pelo produto midiático, considerando que este procura reproduzir ao máximo o mundo material, que se torna então um só em continuidade com o filme. O mundo e a vida devem obedecer a ordem estabelecida pela produção e igualar-se

a esta. Sem a especulação, imaginação e reflexão para com a arte para as massas, a obra perde qualquer profundidade e possibilidade de criticidade, rendendo o espectador às suas propagandas e ideologias – o mundo do filme invade e captura a percepção da pessoa. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O ideal do natural dentro da indústria cultural se torna o silêncio – a ausência de significado, que por sua vez é anulado perante um deslumbre produzido pela tecnologia, com uma mensagem completamente subordinada a técnica, e não o contrário, característica das obras de arte verdadeiras. Conforme a tecnologia se desenvolve, surgem mais meios de imposição deste silêncio natural, e aperfeiçoa-se a reprodução fiel do mundo material, tornando nebuloso o limiar entre a obra produzida e a vida cotidiana. A rotina transformada pela ausência de qualquer reflexão contrária ao que foi imposto, é preenchida pelos ideais de consumo expostos pela obra. É o paradoxo em que a arte, ao ser simplificada, através da tecnologia se iguala ao mundo material e o reproduz, exceto que com os ideais de consumismo que substituirão as consciências individuais, que enxergarão o mundo a partir destes ideais (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

2.3 VIOLÊNCIA

Conforme nos diz Marques (2013), para se compreender os relacionamentos abusivos, é necessário debruçar-se sobre o tema da violência em si, visto como esta pode se manifestar em uma relação interpessoal através de um relacionamento abusivo. Da mesma forma, a influência exercida nos indivíduos pela Indústria Cultural – que agressivamente se apropria do mundo interno do indivíduo impondo suas ideologias de consumo – pode ser interpretada como violência. Assim, compreender-se-á este fenômeno a partir da ótica psicanalítica para desta forma relacioná-lo aos outros temas elencados neste estudo.

Ao analisar a violência em suas diversas manifestações dentro dos pressupostos da psicanálise, deve-se ter em mente que ela é vista não como um fenômeno isolado ou uma anomalia, mas um constructo psíquico, um componente que participa do processo de formação da subjetividade. Em um primeiro momento, viemos ao mundo com uma inigualável sensação de unicidade, um estado *nirvânico* onde não há necessidades a serem supridas ou desejos a serem satisfeitos. A descoberta do recém-nascido de que ele não é Um com o todo e tem, portanto, suas próprias necessidades se dá a partir da mãe, que ao dar ao bebê exatamente o que ele precisa – seja na forma de cuidados práticos como comida, higiene, sono, seja na forma de afeto, acaba por lhe trazer o fato da necessidade de ajuda: sem esta, ele não terá como aplacar as pulsões internas que gritam fome, sono, calor, sujeira, carência que agora sabe que tem. Esse momento da realização do bebê de sua situação de terrível desamparo, é caracterizado como uma violência contra ele, uma violência que o tirou de seu estado perfeito, a violência fundamental (MARIN, 2002).

Uma vez que o bebê se vê vulnerável as próprias pulsões internas, ele também se vê vulnerável a pulsões externas que forem contrárias a ele. A partir dessa interação entre as pulsões internas e externas, se forma o Eu, que procura organizar todo esse excesso de estimulação que ameaça o equilíbrio, indo atrás de satisfazer as necessidades internas ou desempenhando uma força que supere àquela externa que lhe violenta. O Eu se distingue do ambiente externo a partir de um isolamento de tudo que é ruim para fora do organismo: ele tenta expulsar tudo aquilo que lhe é desprazeroso e manter as sensações que são prazerosas. A partir disso, o Eu irá buscar reavivar a utopia perdida de unicidade – fato aproveitado pela Indústria Cultural e suas promessas idílicas de gozo ilimitado – de uma perfeição que lhe foi tirada, através de uma pulsão para construir e tornar possível relações que se aproximem dessa perfeição, ou de uma pulsão para destruir tudo aquilo que supostamente for uma ameaça a esse estado de perfeição ou a tudo o que já se conquistou:

respectivamente, as pulsões de vida e morte, derivadas inicialmente da primeira violência, a fundamental, cometida contra o sujeito (MARIN, 2002).

Ao excesso de estimulação que ataca e ameaça o equilíbrio do organismo, o Eu aprendeu a elaborar estratégias de defesa contra. Um exemplo destes é o recalçamento, talvez a mais primitiva, onde o evento que desencadeou a estimulação excessiva se torna inacessível, protegendo o corpo dessa estimulação. Na falta desses e de outros mecanismos de defesa, no entanto, o Eu não encontra saída para lidar com toda a pulsão extrema dentro de si se não em uma externalização desse excesso pulsional, e para se livrar disso, ele provoca essa tensão em algo alheio a ele, passando dessa maneira, para a violência em ato, seja qual forma esta tomar, física, verbal, simbólica e outras. Em outras palavras, quando a individualidade desprovida de mecanismos de defesa se vê ameaçada de aniquilação, ela aciona um movimento de tentativa de destruição do Outro que traz essa ameaça, que por sua vez procura anular sua subjetividade a partir da excitação demasiada; trazendo à tona aspectos que este renegou e não deseja enfrentar; a estranheza e inquietude trazida pela presença de um outro reconhecido como estrangeiro; ou quando este outro é reconhecido apenas como uma fonte para garantir o próprio gozo, sem levar em conta barreiras e organizadores sociais (MARIN, 2002). Das formas de violência em ato, o foco deste trabalho como já explicitado é a violência nos relacionamentos abusivos.

Dessa maneira, podemos concluir que, embora a violência se constitua enquanto parte da formação do psiquismo humano e da personalidade, a sua passagem para um ato violento ocorre quando outros mecanismos de defesa falham ou sequer chegaram a existir. Esta falha ou ausência de estratégias do Eu para lidar com as estimulações externas e internas, decorre de diversos fatores como a história de vida do indivíduo, as relações objetais, sua interação com os pais na primeira infância, o efeito dos fatores sociais tais como as regras de conduta, morais, a mídia em suas diversas plataformas, os grupos que o adolescente se insere, entre outros. A um Eu que, em decorrência dos fatores citados, cujas estratégias de enfrentamento são escassas ou insuficientes, gerando a passagem para a violência em ato, pode ser considerado fragilizado, que chamaremos de um Eu debilitado (CANIATO, 2009).

2.4 CARACTERIZANDO OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Um relacionamento abusivo, de acordo com Marques (2013), é uma relação interpessoal de caráter cíclico em que a violência se repete e, no entanto, seus envolvidos permanecem na relação. Dos tipos de violência que se manifestam em uma relação abusiva, de violência conjugal, há a agressão física, a violência psicológica, violência sexual e a violência patrimonial. De acordo com as definições da Lei Maria da Penha nº 11.340, a agressão física consiste em ferir e causar danos ao corpo, é caracterizada por tapas, empurrões, chutes, murros, queimaduras, tiros, e outros; A violência psicológica, são “ações ou omissões que visam degradar, dominar, humilhar outra pessoa, controlando seus comportamentos, crenças e decisões através de intimidações e ameaças que impedem ou prejudicam o exercício da autodeterminação e desenvolvimento pessoal” (SOARES *apud* MARQUES, 2013); A violência ou abuso sexual compreende comportamentos que se enquadram nas definições legais para estupro e ataques físicos a partes sexuais do corpo da pessoa, além de demandas sexuais em excesso com a parceira ou parceiro desconfortável, controle e manipulação através do sexo que degradam a outra pessoa; A violência patrimonial ou abuso econômico corresponde a supressão econômica, evitando qualquer tipo de independência ou autossuficiência financeira para forçar uma dependência ao parceiro abusivo (MARQUES, 2013). A violência psicológica é mais silenciosa e cumulativa (FONSECA, RIBEIRO E LEAL, 2012), muitas vezes mais presente do que os

outros tipos e com inúmeras variações. Em um relacionamento abusivo, todos os tipos de violência podem surgir revezando-se ou ao mesmo tempo.

A autora ainda observa que o caráter cíclico dos relacionamentos abusivos se deve ao fato de que, ao invés de uma reação de afastamento de uma relação nessas condições, o que ocorre é a repetição cíclica dos eventos que levam a violência psicológica ou assédio moral: mesmo que a parte agredida ameace romper ou deixar a relação, permanece nesta que lhe é nociva – muitas vezes devido a uma persuasão por parte do agressor, incluindo promessas, gestos comoventes ou a apelação para a história do casal – e, por um período de tempo, as agressões desaparecem, ainda que eventualmente retornem. Em outros casos, a permanência é constante sem o período de calmaria, de ausência de agressões, até que eventualmente a situação encontra seu desfecho de forma extrema e sem retorno (MARQUES, 2013).

2.5 DESDOBRAMENTOS SUBJETIVOS DO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: O EU DEBILITADO E OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

O Eu se torna debilitado, fragilizado, devido as relações com o mundo externo – entre estes, a indústria cultural, que toma esse lugar de mediação do psiquismo com o mundo para si. De acordo com Caniato (2009), a subjetividade, em um primeiro momento, vem da família, que por sua vez se torna o canal para a construção desta. As primeiras relações da criança com os pais, com os irmãos (a família nuclear, de maneira geral, em suas inúmeras possibilidades de configuração), delimita progressivamente o processo de individuação e de criação de identidade, segundo a autora. Na pós-modernidade, entretanto, a família perde seu espaço privilegiado em meio aos processos identificatórios: as ideologias vigentes de consumo e bem-estar a destituem do *locus* identificatório, expondo as individualidades aos valores e ditames das instituições que difundem tais ideologias. E se a figura paterna (a função paterna, autoritária, que não é executada exclusivamente pelo pai), antes responsável pela ideia de realidade e da construção do supereu, é desmontada pelo impacto que as instituições externas/agências administrativas capitalistas exercem no indivíduo assumindo o controle sobre este. Em outras palavras, essas mesmas instituições assumem o papel de construção da ideia da realidade, impondo seus padrões normativos que exigem obediência. O eu, desmontado pelas instituições burocráticas capitalistas, se torna debilitado e propenso as manipulações de percepção impostas pela indústria cultural visando a cultura do consumo, enquanto o inconsciente se apresenta vulnerável a uma parafernália ideológica que dirige as consciências. Os valores negociados são internalizados e tomados como próprios pelos indivíduos, formando mentalidades conformadas com o status quo de dominação (CANIATO, 2009).

Deve ser levado em consideração ainda o contexto atual de extrema valorização do individualismo. Neste, há uma descrença no coletivo – grande parte dos momentos em que as pessoas se juntam e convivem são aqueles determinados pelo consumo, seja este por meio dos produtos vendidos nos *shopping centers* ou os grandes shows em que o artista e suas músicas são consumidos, entre outros exemplos – e nas instituições públicas (devido ao excesso de burocracia característico dessa época), que faz os indivíduos voltarem-se para si mesmos em uma apatia social: o narcisismo clínico, de Sennett (apud CANIATO, 2009). Neste, a subjetividade corta laços com o exterior por desconfiança e só responde e submete-se a si mesma. Essa cultura hedonista do consumo, onde o prazer momentâneo é colocado acima das outras coisas, faz com que as pessoas se voltem exclusivamente para si mesmas e o mundo passa a ser significado somente a partir da vida psíquica e os limites entre o público e o privado se tornam nebulosos, já que o outro apenas é reconhecido enquanto atua no prazer ou desprazer do primeiro. A realidade não é enxergada à parte do indivíduo, mas sim como apenas uma extensão do próprio eu.

Para sintetizar as últimas colocações, a fragilidade do eu ocorre enquanto consequência do desmantelamento da família como central nos processos identificatórios dos indivíduos, devido a uma ascensão de instituições do capitalismo que tomaram este lugar, como a Indústria Cultural. Uma vez que a subjetividade foi capturada pela ideologia consumista difundida por meio da Indústria Cultural, esta passa a se movimentar centrada no princípio do prazer, em detrimento do princípio da realidade: tudo passa a ter significado apenas com relação ao prazer ou sofrimento, o que Sennett chama de Narcisismo Clínico. Tal dificuldade em reconhecer a existência de um diferente de si torna o indivíduo excessivamente sensibilizado, fazendo com que simples respostas a ele como ataques contra sua própria individualidade (CANIATO, 2009). Assim, ele lançará mão de quaisquer meios para eliminar essa suposta ameaça para submeter o outro a si mesmo ou destruí-lo: agressões físicas e verbais, controle excessivo do comportamento do outro, humilhações, chantagem emocional, etc., em outras palavras, a violência em ato (MARIN, 2002).

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos resultados alcançados por esta investigação, foi possível constituir uma linha de raciocínio acerca do surgimento do fenômeno dos relacionamentos abusivos entre os jovens. Conforme definido anteriormente, um relacionamento abusivo é uma relação afetiva com manifestações de violência com um caráter cíclico, que se repete e seus protagonistas tem enorme dificuldade em desvencilhar-se (MARQUES, 2013). É importantíssimo notar, inclusive a partir dos dados de Marques que as grandes vítimas deste fenômeno são em sua maioria mulheres – devido a uma cultura e sociedade moldadas a partir de um ideal patriarcal e machista que objetifica e estabelece funções e atitudes prévias sobretudo para a mulher. Devido a vulnerabilidade do período da adolescência, cujo final é difícil de se determinar (GURSKI, 2012), uma mulher que se encontra dentro desta fase da vida estaria duplamente suscetível a se inserir em um relacionamento abusivo, por ser jovem e por ser mulher, e isso pode trazer consequências severas para esta. As mulheres vítimas de agressão e abuso em seus diferentes tipos apresentam sequelas emocionais como diminuição da autoestima, transtornos alimentares, gastrotintestinais, crises de choro e ansiedade, e em situações mais extremas depressão e ideações suicidas (MARQUES, 2013).

Enquanto os atos de violência contra o parceiro ou parceira são classificados como tal, e não como uma parte natural e inevitável de relacionamentos a dois, confere-se a eles dessa forma caráter e funções específicos como parte do psiquismo, e que, portanto, devem ser analisados como tal. O fato deste tipo de violência e não outro se manifestar neste contexto se deve sem dúvida a muitos fatores, entre os quais a Indústria Cultural pode se destacar, conforme seu grande papel é revelado por Adorno (ADORNO; HORKHEIMER, 1963). Seu poder de influência e manipulação excessiva nos jovens na sociedade atual se deve, como foi dito acima, a uma crise da autoridade familiar, uma vez que mesmo os adultos desejam comportar-se como adolescentes para enquadrar-se nos padrões ideais de consumo, e os jovens não tem a quem recorrer tanto para se espelhar como para se diferenciar (GURSKI, 2012). Assim, a indústria cultural assume este vácuo na constituição subjetiva dos jovens, justamente oferecendo a eles modelos identificatórios – com o intuito de enquadrá-los em categorias de consumo e de estimulá-lo – que os ensinam como se comportar nas mais diversas situações (ADORNO, HORKHEIMER, 1985) incluindo em um relacionamento afetivo. Mais que isso, a indústria cultural se estabelece enquanto mediadora do processo de relação do mundo interno com o mundo externo do indivíduo, inserindo nele visões enviesadas ou mesmo falsas da realidade, que o sujeito se apropria como se tais ideologias fossem dele e dele tivessem partido (CANIATO, 2009).

A partir do levantamento bibliográfico conduzido neste estudo, pode-se afirmar que a maneira como as relações interpessoais são afetadas pela indústria cultural se dá através de dois caminhos, ambos os quais possivelmente levam a ocorrência de um relacionamento abusivo. Um fator em comum para ambos os caminhos é um dos ideais difundidos pelas produções de massa, observado pela autora Regina Navarro Lins (2017), que convencionou chama-lo de “amor romântico”. Desde a década de 1940, quando o casamento por amor passou a ser uma perspectiva realista para as pessoas, tem sido divulgado como propaganda pelas produtoras de filmes de Hollywood um modelo de relacionamento afetivo construído a partir de um ideal de amor e de felicidade. Este ideal de amor tanto propagado nos mais diversos tipos de mídia, o amor romântico, é para a autora é um conjunto de crenças, valores e expectativas que determinam como devemos sentir e reagir em um relacionamento com outra pessoa, até mesmo de maneira inconsciente. “Somos condicionados, já na infância, a desejar viver esse tipo de amor. Aprendemos a acreditar que só é possível ser feliz vivendo um romance, que traz a ilusão do amor verdadeiro” (LINS, 2017, p.25). No amor romântico, se projeta na pessoa tudo o que deseja que a pessoa ideal seja e, quando essa idealização se torna impossível pela convivência – na qual se conhece alguém em suas minúcias de forma que se torna impossível atribuir características a ela que ela não possui – vêm um desencanto que resulta em tédio, sofrimento, a sensação de ter sido enganado, frustração e mesmo raiva direcionada ao outro (LINS, 2017).

O primeiro caminho das duas possibilidades no qual um relacionamento afetivo, a partir da influência dos produtos midiáticos de massa pode se transformar em abusivo é a de uma total idealização dos relacionamentos dentro dos padrões observados nas grandes histórias de amor. Os romances, sempre se mostrando nas obras como inevitáveis, invencíveis, atemporais com seus participantes dentro dos padrões estéticos de beleza, têm suas características apropriadas pelos indivíduos que desejam vivenciar um romance como este, já que foram criados na crença de que só se poderia ser feliz dessa forma. Em um relacionamento idealizado, acredita-se que deve ser sempre a única fonte de interesse para o outro, ou que as atividades diversas só tem graça junto do outro, quem ama não sentirá desejo sexual por mais ninguém, as duas partes se tornam apenas uma, entre outros (LINS, 2017). Além disso, cada indivíduo cria, a partir de sua história pessoal características ideais que uma pessoa deve possuir para que o ideal do amor romântico seja atingido. Quando estes altos e absolutos padrões não são alcançados, ou quando se descobre a partir da convivência diária que a pessoa não é como foi projetada e idealizada, surgem sentimentos decorrentes da frustração, a culpa, a sensação de estar preso no relacionamento, a raiva pelo parceiro e outros. Em um eu debilitado, conforme apontado anteriormente, encontramos um indivíduo cujo inconsciente, devido a seu caráter de permeabilidade – sem a mediação de um eu pleno em sua função – está totalmente capturado pelas ideologias da indústria cultural e reproduz os modos de viver nela aprendidos, consumistas e hedonistas (CANIATO, 2009). Um eu que se volta completamente para si mesmo tem dificuldade em reconhecer o outro, e as menores manifestações deste outro serão tomadas como ameaça ao eu – justamente porque ele não compreende um mundo que não faça parte de seu psiquismo. Em um funcionamento completamente hedonista, que se concentra exclusivamente no próprio prazer e é incapaz de reconhecer o outro, observa-se uma ausência do aprendizado de mecanismos de defesa mais complexos que, para reagir então ao outro que supostamente tenta destruir, engolir, eliminar, anular etc., lançará mão da manifestação em ato da violência. Em outras palavras, ações excessivas voltadas a destruição, como o ódio, votos de morte, o amor invasor, indiferença, agressão, enfim tudo aquilo que pode servir naquele momento para eliminar a alteridade supostamente ameaçadora (MARIN, 2005). Assim, um indivíduo cujo *eu* foi capturado pelas ideologias consumistas da indústria cultural, um narcisista clínico (SENNETT *apud* CANIATO, 2009) enxerga nas meras ações cotidianas do parceiro

idealizado que necessariamente irão se contradizer a imagem ideal, uma ameaça à seu próprio eu, e sua necessidade de autopreservação fará com que ele elimine esses supostos ataques e ameaças contra sua própria individualidade, usando da violência em ato em suas diversas formas para eliminar a alteridade que tanto o agride. Durante a relação, a depressão também pode ser observada como reação a este desencantamento (MARQUES, 2013). Contudo, por conta do desamparo fortemente associado a juventude e ao ser humano contemporâneo (MARIN, 2005), forma-se uma relação de codependência tão forte que mesmo em meio à violência o casal não se sujeitará a solidão (LINS, 2017).

O segundo caminho para o qual a indústria cultural e seus produtos podem afetar as relações afetivas e contribuindo para que se tornem abusivas é a de uma internalização da violência mostrada nas mídias. Conforme dito anteriormente, para que ocorra a captura da consciência pelo produto de massa, sua produção se esforça e certifica-se de que o mundo real é reproduzido nos mínimos detalhes, para que, após o final do filme, por exemplo, o mundo passa a ser enxergado com as lentes do filme, e as ações dos protagonistas – mesmo meros trejeitos de comportamento e outros menos sutis, como o ato de comer um lanche de uma marca específica, ou uma cerveja específica, ou alguma marca de roupa que apareça – são internalizados pelos espectadores e apropriados como se destes partissem espontaneamente (ADORNO, HORKHEIMER, 1963). Neste processo, a violência e o comportamento violento mostrado nos produtos culturais em uma tentativa de aproximação da realidade é também internalizado e apropriado pelo indivíduo em uma espécie de efeito colateral. De fato, as pulsões de destruição são aproveitadas pela mídia que – seja por se aproximar da realidade ou pelo efeito de choque que atrai o olhar das pessoas – mostra cenas violentas e personagens cometendo atos excessivos, satisfazem essas pulsões que normalmente não encontram vazão em outras partes da vida (MARIN, 2002). A violência é internalizada e reproduzida posteriormente em contextos similares aos mostrados, ou então quando o sujeito precisa lançar mão de alguma estratégia de preservação de sua individualidade e sua constituição psíquica não desenvolveu mecanismo mais complexos (recorrendo a violência então). Como exemplo, e também como possível fonte de investigação posterior a esta pesquisa, poderíamos citar as novelas brasileiras, onde basta sintonizar no canal transmissor e no horário que não tardará muito para que apareça, como foi dito antes, cenas como casais discutindo intensamente e arremessando utensílios domésticos e móveis pela casa, conflitos inflamados na qual a família inteira toma parte e até mesmo para o caso de espancamentos, estupros e assassinatos.

Podemos observar que ambos os contextos não ocorrem necessariamente de maneira separada e que, tanto podem como eventualmente irão aparecer simultaneamente nos relacionamentos abusivos e suas diferentes configurações. É fundamental destacar também a particular suscetibilidade do adolescente e do jovem frente a estas influências, e que tais caminhos destacados podem dizer mais a respeito deles – ainda considerando a indefinição do final da adolescência – do que de pessoas com a idade já avançada que foram criadas por vezes em contextos anteriores a difusão em massa dos produtos da indústria cultural, e que possivelmente a análise dos precursores dos relacionamentos abusivos nesta faixa etária seria um objeto de investigação para um outro momento. Como dito anteriormente, a partir de uma “juvenilização da cultura” ocorre uma crise de autoridade dos adultos no ambiente familiar, na escola e em outros (GURSKI, 2012); com essa crise da autoridade faltam modelos identificatórios no ambiente familiar e acadêmico para os jovens, e mesmo uma decadência da figura paterna é observada (CANIATO, 2009) e resulta também nesta mesma falta. Para preencher esse espaço vazio, o jovem se voltará as identificações que obtém da mídia do consumo, e, uma vez que seu eu apenas aceita as versões da realidade impostas pelo produto, ele trará como suas as ideias de amor romântico, de felicidade atrelada ao consumo exacerbado, como meios legítimos de se comportar na sociedade e encarar a realidade, e usará da violência em ato como um

mecanismo de defesa do eu, conforme aprendeu na mídia, para lidar com as frustrações e conflitos iminentes da convivência humana, e especialmente da idealização de um parceiro ou parceira (LINS, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, feita a partir de um levantamento bibliográfico, procurou investigar as formas com que a indústria cultural pode estar relacionada a fenômenos do cotidiano, em especial este cujo as discussões vêm ganhando espaço, os relacionamentos abusivos entre os jovens. Como observado nas leituras realizadas, os relacionamentos pautados através do ideal de amor romântico, sustentado por sua vez pela indústria cultural, provoca frustrações e decepções devido ao seu caráter ideal e inatingível que torna a falha iminente e, esta falha, dentro dos funcionamentos primitivos e imaturos, pode produzir resultados catastróficos e mesmo fatais.

Por mais que outros fatores sejam cruciais para a ocorrência deste fenômeno, como tem sido observado que muitos praticantes de violência sofreram ou testemunharam estas quando crianças (MARQUES, 2013), não podemos deixar de notar a força com que a indústria cultural penetra na vida das pessoas em suas mais diversas esferas e muito menos minimizar sua importância, especialmente em um mundo quase que inteiramente globalizado. Ainda que sejamos de fato inundados por filmes como as comédias românticas que ensinam de maneira irresponsável, que mesmo bem-sucedida uma mulher necessita de um companheiro; como o polêmico “Cinquenta Tons de Cinza” (EUA, 2015) cujo fator polêmico vai menos no sentido dos feitos sexuais absurdos que o *marketing* do filme promete e sim no fato de que o abuso psicológico é romantizado e se torna até desejável no filme; por letras de músicas como as de sertanejo (e mesmo outros gêneros) que expõem não só um relacionamento possessivo e até doentio, mas que o rompimento leva necessariamente ao abuso de álcool ou ao sentimento de completo vazio; ainda que estejamos cercados por todos os lados, a própria autora Caniato (2009), uma das referências para esta pesquisa, chama atenção para a falta de um senso crítico com relação aos conteúdos que a psique entra em contato, provocando assim uma apropriação total das ideologias transmitidas por esses produtos midiáticos, inclusive como se as ideias tivessem partido do próprio sujeito. É possível, portanto, fazer o raciocínio inverso e afirmar que o senso crítico é, de certa forma, uma poderosa ferramenta para afirmar uma individualidade em oposição a uma cultura que difunde e banaliza a violência.

5 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. (1981). **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. (1985). Tradução Guido Antônio de Almeida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. (2003). Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

CANIATO, A. M. P. **Subjetividade e Violência**: desafios contemporâneos para a psicanálise. (2009). Maringá: Eduem.

Cinquenta Tons de Cinza. (2015). EUA: Universal Pictures, P&B.

FONSECA, D. H. da; RIBEIRO, C. G; LEAL, N. S. B. **Violência doméstica contra a mulher**: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 307-314.

EISENSTEIN, E. (2005). **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. *Adolescência e Saúde*.;2(2):6-7.

GOMES, V. R. R. **Adolescentes na contemporaneidade**: desamparo e laços fragilizados em meio aos “ideais” da sociedade de consumo. (2014). 159 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

GURSKI, R. (2012). **Três Ensaios sobre Juventude e Violência**. São Paulo: Escuta/clínica Maud Mannoni.

LINS, R. N. (2017). **Novas Formas de Amar**: Nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos. São Paulo: Planeta do Brasil.

MARIN, I. da Silva K. (2002). **Violências**. São Paulo: Escuta/Fapesp.

MARQUES, T. M. (2005). **Violência Conjugal**: Estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. 2005. 303 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

SENNETT, R. (1993). **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução Lygia Araújo Watanabe. 3 Ed. São Paulo: Companhia das Letras.

SOARES, M. B. (1999). **Mulheres invisíveis**: violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.